

COMPRA



*Semanario illustrado
de Sciencias, Lettras e Artes*

Proprietario e Director: PALERMO DE FARIA
 Director Scientifico: ANACLETO R. D'OLIVEIRA
 Secretario da Redacção: BENTO MANTUA
 Administrador: XAVIER DA SILVA

DIRECTORES
 Litterarios: J. PACIFICO, EMECÉ e LAMPARINA
 Artisticos: A. LACERDA, C. CRAVEIRO e J. BASTOS
 Musicas: ALFREDO MANTUA e FERNANDO PADUA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
 C. do Jogo da Pella, 6, 2.º
 LISBOA

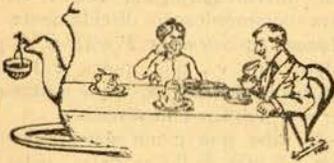
Segunda-feira
 8 DE JUNHO DE 1908

Condições de assignatura
 (Pagamento adiantado)
 SERIE DE 15 NUMEROS
 Lisboa e provincias..... 300 rs
 Colonias 400 »
 A cobrança pelo correio é augmentada
 de 60 réis.

Offeinas d'impressão e composição
 A Liberal — R. de S. Paulo, 216

NUMERO AVULSO 20 RÉIS

Tiragem 6.000 exemplares.



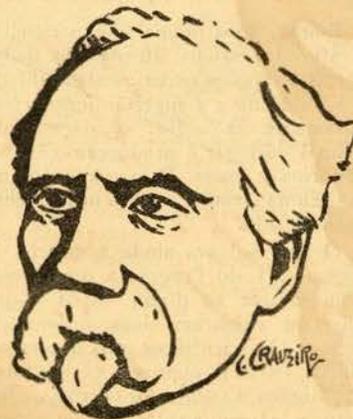
CHÁ
 E TORRADAS



Melitão Emilio Teixeira Portugal, fidalgo d'alta linhagem, fôra em tempos bello, valorôso e rico. Casado em primeiras nupcias com D. Conceição da Purêza, oriunda da illustre casa da Heroicidade Honesta, viuvara a breve trêcho e, como dêste matrimonio não houvera filhos, casou segunda vez, afim de vêr se conseguia perpetuar a sua nobre raça. Escolhêra para espôsa uma senhora béla, elegante, jovem e pobre, filha bastarda do barão das Acrimonias e que, a par da sua formosura, possuia grandes dotes intellectuaes que punha ao serviço de hipocrita perfidia, de desmesurada ambição e dum irresistivel desejo de dissipação. Era viuva tambem, esta senhora, e seu primeiro marido, o Marquez dos Partidos, legára-lhe, ao morrer, uma casa crivada de dividas e quatro filhos varões, que entraram, como enteados, na casa do nobre D. Melitão. — D. Edvigés Politica Acrimonias dos Partidos, tal era o nome

desta illustre dama, não amava seu segundo espôso e casára com êle apenas no intuito de, a beneficio dos grossos cabedaes do velho gentil homem, têr na sociedade posição primordial, gastar á larga e satisfazêr os caprichos dos quatro estroinas que a Deus aprouve dar-lhe por filhos. Es-

Mascaras illustres



General Sousa Brandão

tes, bulhentos e maus, odiando-se reciprocamente e ao padrasto que, alquebrado e tonto, não tinha força para os fazêr entrar na ordem, taes sangrias deram nos cofres do honrado fidalgo que, em pouco tempo, empobreceram a casa. Como era, no entretanto, necessario, dourar aquêla miseria e aparentar riqueza, começou para D. Melitão o regimen dos emprestimos de alta usura, das operações financeiras inconfessaveis e tôrpes. Tudo ia mal de portas a dentro mas, para quem olhava de fora,

o braço do fidalgo conserváva o brilho habitual.

Certa noite em que se dava um baile de mascaras — e Deus sabe á custa de quantos sacrificios — em casa de D. Melitão e para o qual havia sido convidada grande copia de illustres personagens nacionaes e estrangeiras, apresentaram-se os quatro rapazes (os Partidos, como lhe chamavam na *alta*) primorosamente vestidos com riquissimos trajes de sêda. Um vinha de branco, outro de azul e branco, o terceiro de vermêlho e o ultimo, o mais novo, de corpête azul e branco e calção vermêlho. Presidiam á festa D. Edvigés Politica e seu marido que, trôpego, meio paralitico e dementado, percorria as salas amparado por cinco velhos servos fieis que, dêste tempos imemoriaes, conservava em sua casa. Eram dois nêgros, dois asiaticos e um malaio.

De repente e quando a festa estava no auge, os quatro enteados do fidalgo, a proposito duma insignificante questào de jogo, travaram-se de razões, injuriaram-se e por fim, puchando facas, golpearam-se de maneira que, quando quizeram acudir-lhes, estavam todos quatro moribundos.

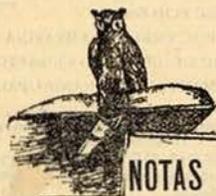
A confusão foi enorme: D. Melitão largou-se das mãos dos serviçaes e, cambaleante, avançou para o centro da sala.

Apoz o primeiro momento d'espanto, começou a debandada; ninguém queria comprometer-se. A primeira a fugir foi D. Politica, seguiram-se-lhe os criados pretos, asiaticos e malaio, na piugada dos quaes correram, parecendo querer agarral-os, (nunca se soube porquê) os convidados estrangeiros; os nacionaes saltaram pelas janelas e vie-

ram fazer-se pedaços nas pedras da calçada.

D. Melitão, no centro do grupo formado pelos cadáveres dos Partidos, quiz sustentar-se de pé e lutar ainda (quão tarde) contra a adversidade que o fulminava, mas de repente sentiu que se lhe turvava a vista e que as pernas lhe vergavam: ia cair quando se sentiu amparado por dois braços que o sustinham, ao mesmo tempo que uma voz lhe murmurava em tom de ironica piedade: «*Hombre... venga usted conmigo.*»

JOÃO KEVÉ.



NOTAS CIENTIFICAS

Chronica

A Psicologia Desconhecida

A atenção do mundo scientifico está sendo solicitada ardentemente por certas manifestações singulares, taes como: *telepatia* e exteriorisação da motricidade e da sensibilidade.

Emilio Boirac classifica taes fenômenos sob a rubrica geral de *Psicologia desconhecida* e convem perguntar se lhes podemos admitir a realidade. E' certo que a prudencia nos ordena que caminhemos devagar e rodeados de precauções porque, bastantes vêzes, o valor dos resultados queda anulado por circunstancias variadas, taes como: simples coincidencias ou interessada má fé. Sérias e reaes dificuldades se filiam, é claro, nestas causas d'erro; mas, porque taes causas existem, não é licito afirmar que, na apreciação de taes fenômenos, tudo é falso, sem interesse ou devido á má fé, ao charlatismo, á prestidigitação. Até ha bem poucos annos, o hipnotismo era pratica que só a empiricos incumbia; zombava-se d'ele como se zomba ainda das bruxas e dos lobishomens, e no entanto, cil-o hoje nas mãos dos medicos e dos sabios, vencendo a ironia ortodoxa, merecendo as honras de verdadeira e eficaz medicação.

Os que se riram hontem do hipnotismo continuam agora movendo guerra atroz aos fenômenos que Boirac chama *magnetoides* e *espiritoides* e que parecem ter origem em causas ainda desconhecidas, provavelmente de natureza fisica e mais ou menos analogas ás forças radiantes conhecidas: luz, calor electricidade, magnetismo, energia radio-átiva. Hoje como hontem, encontram-se medicos, fisicos, sabios que impõem á sciencia uma linha de fronteira como se esta fosse um pais. «*Não irás mais longe,*» gritam,

e como não achem bastante imperativa a exclamação, arvoram se elles mesmos em sentinellas da ortodoxia conservadora e mesquinha. De tal modo estes sacerdotes do «*nada mais ha para descobrir*» se teem oposto ao avanço do Progresso que, se a Sciencia tem avançado e aberto bréchas de luz no muro negro da ignorancia, não tem sido, juramol-o, por culpa d'elles.

E' já grande a copia d'experimentadores, e dos de rija tempera, que, em sessões espiritas, tem presenciado factos extraordinarios e em condições taes de segurança que a duvida se torna impossivel. Homens do arcabouço scientifico e da probidade intangível de Lombroso, Richet, Rochas e outros, affirmam, apoz experiencias e observações cuidadosamente dirigidas, que existe uma energia especial que dimana do corpo do homem e que é capaz de exercêr efeitos motôres a distancia, de exteriorisar a sensibilidade, de transmitir o pensamento. Os que duvidam, que experimentem, que trabalhem, mas que não neguem pre-emptoriamente para que a negativa se lhes não arrefeça, em meio, nos labios, como aconteceu aos que zombaram da telegrafia sem fios.

A sugestão e o magnetismo animal poderão talvez lançar bastante luz sobre grande numero de manifestações psiquicas mas, o que é certo, é que não explicam tolas. Pertence aos sabios destorcêr a meada. Não ha nada que contrarie mais o espirito do Progresso que argumentar com um *eucllêr de hombros*. De cá, argumenta-se com factos, façam os srs. o mêmso, de lá.

Boirac, apoz inumeras experiencias e aturado estudo, afirma que, dadas certas condições experimentaes, donde o hipnotismo e a sugestão foram rigorosamente excluidos, o magnetismo animal dá logar á producção d'efeitos proprios e reaes. O magnetismo animal é uma forma d'energia nitidamente diferenciada.

O que entrava ainda a marcha da locomotiva do Progresso, é existirem homens que se dizem sabios e que affirmam existirem duas ordens de factos: Os scientificos e os não scientificos; «*só os primeiros — exclamam — são dignos d'estudo, os outros... heréticos, excomungados, devem sêr recebidos com indiferença e desprezo.*» Não! não! a sciencia não pode ser assim dividida em dois volumes, um que adotâmos e outro que atirâmos, sem o abrirmos, ao cêsto dos papeis inuteis. O facto existe ou não existe. Por mais raro, incerto ou fugitivo que sêja, o que importa, é estabelecer duma vez para sempre, a sua realidade indiscutível!

J. D. P.

Chamamos a atenção dos nossos Ex.^{mos} leitores para o nosso annuncio que publicamos nas capas, sobre a encadernação da 1.^a e 2.^a Serie do Azulejos.

ESPIRITISMO

O caso «*D'identidade Espirita*» do Chateau Nirvana ¹

PAU, 19 DE MAIO DE 1906

Dr. Dr. Richet.

Foi com um sentimento d'incredulidade um tanto desdenhosa que, como muitos outros, comecei o estudo dos phenomenos chamados espiritas. Presentemente estou ainda, como sabe, no periodo do scepticismo, no sentido etymologico da palavra, no periodo de livre exame.

Tendo ultimamente observado um facto dos mais interessantes, peço licença de lh'o apresentar, deixando-lhe o cuidado de vêr se merece ser publicado.

N'uma nota separada e com auctorisación dos interessados dou-lhe confidencialmente, como era meu dever, o nome da senhora que parece ter-se manifestado medianimicamente depois da morte.

Se tomei a liberdade de o tomar por intermediario, em vez de enviar esta communicação directamente aos *Annaes de Sciencias Psychicas*, é que, julgo como v., que nunca é de mais reforçar as garantias, a que nestas materia o publico tem direito.

V. sabe que é um magistrado que tem a honra de lhe escrever; pelas palavras d'offerecimento, que já se dignou receber, de uma das minhas publicações, poude v. convencer-se talvez, de que o methodo positivo é o unico que eu admitto na investigação philosophica. Se assim julgar, dever transmittir esta communicação aos *Annaes*, é que terá ajuizado de que lhe não falta nem a sinceridade nem a exactidão.

Eis agora o facto:

A 4 d'abril passado, M.^{me} A. ², um mez depois de ter dado á luz o seu primeiro filho, morria na cidade de***.

Decorridos quatro dias, reuniram-se M. e M.^{me} Draper Speakman, M.^{lles} Mac Cance e Dobson, no castello Nirvana, em Gelos, perto de Pau, isto é quasi 92 kilometros a direito, distante d'aquella cidade.

Estas quatro pessoas tinham conhecimento da morte recente de M.^{me} A., mas M.^{lles} Mac-Cance e Dobson não a conheciam pessoalmente, e M. e M.^{me} Speakman, embora se correspondessem com a fallecida ou com o marido não a tinham visto desde Julho de 1905.

De mais, n'essa correspondencia nunca tinha havido allusão ao sônho de que vai tratar-se.

Escuzo dizer que garanto a perfeita honradez e sinceridade, por mim avaliada, das pessoas de que acabo de tratar.

¹ *Annaes de Sciencias Psychicas*. — Maio de 1906.

² Esta letra não é a inicial do nome da pessoa de que se trata na presente communicação. Empregou-se essa letra para clareza da narração.

No decorrer d'aquella reunião de 8 d'abril, essas pessoas fizeram experiencias de espiritismo com o aparelho chamado ouija ¹. Ao produzir-se a communicação que vai lér se, Mac Cance e Dobson tinham as mãos sobre a prancheta pequena, M.^{me} Speakman fazia as perguntas e soletrava as respostas, escrevendo-as n'uma caderneta á medida que se produziam; Mr. Speakman era simples espectador.

Sobre a prancheta collocára-se uma carta, em que o marido da finada annunciava a Speakman a morte imminente de sua mulher e em que estava escripto a lapis as palavras «até á vista» com a sua assignatura. (Vi essa carta).

(Continúa).



PRECE

A. C. A. F.

Oh virgem do Calvario, o teu olhar,
Alivio d'uma cruz que viste erguida,
Envia ao desgraçado que a chorar
Só de ti spera alento n'esta vida!

D'um suspiro, d'um ai é feita a prece
Que se evola d'um alma desolada
A quem o sol da vida não aquece
N'um raio quente e brando d'alvorada.

Oh mãe de Deus ensina-o a soffrer
A dor que dentro d'alma lhe nasceu
No dia em que accordou para viver.

Mostra-lhe por amor a luz do Ceu
Que Christo no Calvario pôde ver
No derradeiro olhar, quando morreu!

CARLOS BARBOSA

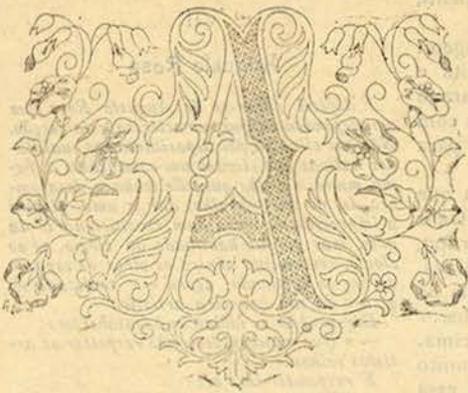
CURIOSIDADES

MERCADOS DO PORTO EM 1822

- Largo de S. Ildefonso—venda de generos alimenticios.
- Largo de S. André—venda de hortaliça.
- Praça dos Ferradores, hoje Carlos Alberto—venda de herva, carvão e lenha.
- Largo do Correio—venda de flores.
- Largo de S. Lazaro—venda de gado suino.
- Largo do Poço das Patas—venda de gado vaccum.
- Largo da Ribeira—venda de peixe.
- Largo de S. Eloy—venda de queijo e carne de porco.
- Campo da Cordoaria—venda de todos os generos.
- Praça Nova—venda de pão.
- Feira de S. Bento—venda de hortaliça e leite.
- Praça de S. Roque, no Souto—venda de gallinhas e teias de panno de linho.

¹ Este apparatus compõe-se: 1.º duma prancheta sobre que estão escriptas as letras do alphabeto; 2.º duma outra prancheta mais pequena em forma de ferro d'engomar, montada sobre três pés. Uma ou duas pessoas. (segundo o grão de «medinidade») collocam a mão sobre esta ultima e o pé da frente para sobre a letra que o «espirito» quer designar.

BORDADOS E RENDAS



A Mendiga

Escurecia. As ruas principaes da vetusta cidade enchiam-se de gente. Operarios que regressavam do trabalho, costureiras, caixeiros, caminhavam todos apressadamente.

Aquelle tristonho crepusculo vinha acompanhado por um ventinho penetrante e frio, que soprando com força arrastava os districtos do solo e fazia oscillar as luzes dos candieiros postados nas esquinas.

No portal d'uma das travessas mais concorridas estava sentada uma rapariguita andrajosa, enfesada e macilenta, aconchegando se ás pedras da hobreira como a pedir-lhes agasalho. O frio arroxava-lhe os pés descalços e pelos buracos da escassa roupagem entreviam-se as formas delicadas de uma mulher a desabrochar.

Quanto mais o vento fustigava aquella carne, destinada talvez ao vicio, mais a pobre se encolhia batendo o dente e com voz mais tremula dizia a cada transeunte:

— Uma esmolinha, senhor... Pelo amor de Deus... Que tenho fome, senhor...

E elles sem a escutarem corriam apressados, silenciosos, embuçados, sem que nada os delitessse.

Desfilaram ricos, pobres, padres, velhos e moços sem que um real cahisse na mão descarnada que a pequenita lhes estendia.

Por fim passou um burguez saboreando o seu magnifico charuto; junto á mendiga puxou uma fumaça que lhe illuminou a cara, ao mesmo tempo que ella repetia pela millesima vez:

— Que tenho fome, senhor, uma esmolinha...

O ricaço olhou-a por instantes e voltando-lhe as costas murmurou:

— Se tens fome... trabalha.

Os viandantes foram rareando pouco a pouco e a breve trecho a travessa ficou deserta. Apenas o barulho d'uma chuva fria e miudinha estalando nas pedras da calçada, vinha quebrar o silencio da cidade adormecida.

O sino do relógio da torre bateu pausadamente duas vezes.

— Duas horas! — exclamou a pequenita — e nem dez reis para um quarto de pão... Santo Deus, que será de mim!

Uns passos incertos e pesados vieram trazer áquella alma amargurada uma tenue esperança, que breve a dissipou. Era um operario bebado que depois de longa permanencia na taverna, zigzagueando recolhia a casa. Não obstante, a pobresita estendeu-lhe a mão e deixou escapar uma supplica. O ebrio deteve-se e distinguindo-lhe o vulto no meio da escuridão nocturna murmurou com voz rouquenha:

— Ah! Ah! Que raio faz esta typa... a estas horas da noite?... Arrebitame essas orelhas... que te vou pagar um copinho da rija... já na ponta da unha!... Agora se te faz ardencia na veia alteria dos gorgomilos... bebes um cacharote... que é mais ameno p'ra... gajas glycódoes!... Anda lá p'ra diente! .. Vamos á ardina.

A mendiga não gostou do phraseado. Repetiu mais uma vez a sua lamuria e deixou-se ficar.

O bebado perguntou-lhe:

— Como te chamas, ó piscurencia?!

— Rosalina, respondeu ella.

— E ainda hoje não comeste?

— Oh! não, senhor; nem hontem...

Tenho muita fome!...

— Ráis parta o diabo! Tens fome... e eu com a pança cheia de vinho e de sardinhas assadas!

Emquanto assim fallava, rebuscou no bolso do collete uns doze vintens, que entregou á rapariga.

Era toda a sua fortuna!

Vendo-se possuidora do dinheiro, que febrilmente lhe arrancou da callosa mão, a pobre correu como louca, deixando o desgraçado ebrio, que com phrases incoherentes convidava a velha e muda porta a tomar copos d'agua ardente e meios litros de vinho.

São decorridos alguns annos.

Terminou o espectáculo no Colyseu.

Os cocheiros meio estremunhados começam a por os trens em andamento, por entre as reprimendas policiaes. No final da escadaria uns pedantesitos mettidos em altos collarinhos abrem alas, esperando com ar conquistador o desfilar das senhoras. E passaram muitas, bonitas e elegantes mas sem que alguma lhes desse sorte ou entusiasmo. Eram as de sempre, já muito vistas e sabidas.

Apenas uma despertou a curiosidade, por ser nova, formosa, alta, de feições correctas, olhos grandes e pretos, a tez morena, um moreno carregado, como se aquella mulher tivesse passado a sua infancia, exposta aos

COMEDIANTES

VII

Augusto Rosa

rigores do sol. Também o cabelo era negro d'azeviche, farto e sedoso, mas ageitando-se mal á forma que o pente quizera dar-lhe.

Fez-se um silencio á sua passagem. Ella deslisou sorridente, satisfeita e graciosa. Subiu com rapidez para o trem, do qual o trintanario atirou com força á porta, barreira invencível para os olhares dos curiosos.

— Quem diria a essa pinderica que ainda um dia vinha a ter casa, trens e criados — murmurava um do grupo, emquanto o carro partia á desfilada.

— O' menino, caprichos da roda da fortuna: os de cima para baixo e os...

— Sim, sim, os debaixo para cima. Ah! mas o amor tambem pode muito porque é cego. Ah! tens como essa Rosalina é hoje a esposa do mais rico banqueiro da capital.

Entretanto o trem da *Rosalina do banqueiro* ia rodando pelas ruas já desertas.

De repente os cavallos estacaram e empinaram-se. Um homem estendido empedia o transito.

— Que foi isso, João! — perguntou ella deitando a cabeça fóra da portinhola.

— Um bebado deitado ao comprido, minha senhora, que espantou os cavallos.

— Se não se tirar, dá-lhe com o chicote.

A' primeira chicotada o homem ergueu-se um pouco.

— Irra — grunhiu — pois nem aqui me deixaes?! A rua é de todos e eu não tenho casa.

E, em seguida, dando de cara com Rosalina, gritou:

— Vae por outro lado, miseravel pobretona; tu és tanto como eu... Cuidas que não te conheço a chronica, minha galderia! E' raro o dia em que não atropellas alguém.

A banqueira envergonhada por lhe recordarem diante dos creados a sua origem humilde, gritou para o cocheiro.

— Para a frente, João, passa lhe por cima.

Uma chicotada feroz caiu sobre os cavallos, que partiram a gallope.

O corpo do desgraçado ficou n'uma bola sob as patas da parella e depois ao passarem-lhe as rodas por cima rebolou-se n'uma horrivel contorsão, até permanecer rijo e immovel sobre as pedras da calçada.

Poucos minutos após esta scena, emquanto a orgulhosa dama despia os seus abafos, murmurava:

— Cada vez está mais insolente esta canalha do povo... São uns selvagens... sobretudo os homens, quando se embebedam. Ai! os bebedos!... Se eu fosse auctoridade...

E refestelou-se n'uma poltrona que ficava proximo ao fogão da sala.

TRADUÇÃO

LAMPARINA.

Encadernações da 1.ª e 2.ª Série.
Veja nas capas.

É difícil falar-se de Augusto Rosa com a independência que caracteriza esta secção. Não que elle seja fiel depositario das qualidades nativas que elevam um comediante á fama mundial; não que elle tenha o desasombro de, no seu trabalho, dar a uma plateia a impressão vigorosa dum revolucionario da arte, mas porque habituado ao elogio, só ao elogio, certamente abrirá os olhos de espanto ao ver-se criticado agora — e criticado no occaso da sua carreira artistica.

Dir-me-hão os idólatras boquiabertos: — "Que mania o tem, não respeitar os artistas velhos!"

E responder-lhes hei: — "Eu se critico os velhos, é para que os novos os não imitem nos defeitos. E vocês sabem bem: o artista, não orientado, segue o modelo que lhe apraz. Como não sabe discernir, delle extrae o peor. Quer isto dizer que se não respeitem os modelos? Não. O artista que se préza só acata as linhas geraes e nunca a voz e o gesto do modelo copiado."

Augusto Rosa, celebre pela arte anémica dos saltes mudanos, a quem uma blusa de trabalhador enodoaria o dorso reverente, é filho do artista mais português do seu tempo: João Anastácio Rosa.

Augusto Rosa é o retrato exactissimo da arte convencional, arte toda de arrebiques e floreados, sabendo bem a olhos romanticos, a ovidos prentes de dicção franceza. E tanto assim é, que na noite em que desempenhou o Duque de Septemonts d'A Estrangeira, com uma actriz parisiense, as senhoras embebedas em Le Dernier Cri de la Mode, diziam alto:

— "E um perfeito francês! Le Bargy, não o é mais. Duflós não o faria assim!"

Realmente a interpretação de Augusto Rosa, foi tudo que il y a de plus exquise et parisien. Se o fosse só n'essa noite... Mas elle esquece que cada idioma tem a sua fonética — musica propria e individualidade de fôndida.

Ai, do actor português que em Paris representasse o seu papel com a toida ritmica da lingua patria!

Que lhe succederia? Não sei... Sou da opinião de um espectador, amante da lingua portuguesa, ao ouvir O Melro, de Guerra Junqueiro:

— "E' um actor francês mal traduzido para português."

MARIO LAGE.

No proximo numero publicaremos o elogio — critico da actriz Angela Pinto.

O enfermeiro de Tata

POR

Edmundo de Amicis

(Continuação)

Meia hora depois ouviu o toque de uma campainha, e viu entrar da outra extremidade da enfermaria o medico, acompanhado de um assistente, e seguidos de uma irmã e de um enfermeiro.

Principiaram a visita, parando a cada leito.

A demora parecia eterna ao rapaz, e a cada passo do medico lhe augmentava a anciedade.

Finalmente, chegára ao leito visinho.

O medico era um velho alto, corco vado, e de um ar grave e sério.

Antes que se afastasse do leito visinho, o rapaz levantou-se; e quando o medico se aproximou da do pae, poz-se a chorar.

O medico olhou para elle.

— Este é o filho do doente — disse a irmã — chegou esta manhã da terra.

O medico passou-lhe a mão pelo hombro, e depois inclinando-se sobre o doente tomou-lhe o pulso, apalpou-lhe a testa, e fez algumas perguntas á irmã, que respondeu:

— Nada de novo...

Ficou um momento pensativo, dizendo em seguida:

— Continue como até aqui.

Então o rapaz, enchendo-se de coragem, perguntou em voz lacrimosa:

— Mas o que é que meu pae tem?

— Cria animo, meu filho — respondeu o medico tornando a passar-lhe a mão pelo hombro — Teu pae tem uma erysipela facial. É grave, mas ainda não estão perdidas as esperanças. Fica ao pé d'elle, que a tua presença hade fazer-lhe bem.

— Mas é que elle não me reconhece! — exclamou o rapaz n'um tom amargurado.

— Hade vir a reconhecer-te... talvez amanhã. Esperemos sempre o melhor, e tem coragem.

Bem queria o rapaz perguntar mais alguma coisa, mas não se atreveu.

O medico continuou na sua visita e o rapaz começou então a sua vida de enfermeiro.

Não podendo fazer mais nada, arranjava e estendia a roupa da cama, tocava de vez em quando na mão do doente, enxotava-lhe as moscas e inclinava-se sobre elle a cada gemido que dava, e quando a irmã lhe trazia agua ou remedio, tirava lhe da mão o copo ou a colher, e era elle que a apresentava ao doente.

Este, encarava o algumas vezes, mas não dava signal de reconhecê-lo. Sómente o seu olhar se detinha cada vez mais sobre elle, e especialmente quando o via levar o lenço aos olhos.

Assim passou o primeiro dia. Á noite o rapaz dormiu em cima de duas cadeiras, n'um canto da enfermaria e de manhã recommçou o seu piedoso officio.

N'esse dia pareceu-lhe que os olhos do doente começavam a revelar uma tal ou qual intelligencia. A voz acariaciadora do rapaz parecia que uma expressão vaga de gratidão lhe brilhava por momentos nas pupilas; e até uma vez moveu um pouco os beiços como quem queria dizer alguma coisa.

Em seguida a alguma breve somnolencia, reabria os olhos e movia-os em torno, como se procurasse o seu pequeno enfermeiro.

O medico, passando por ali duas vezes, notou algumas melhoras no doente. A tarde, chegando-lhe um copo á boca, o rapaz julgou ver desprenderem-se em ligeirissimo sorriso os labios entumecidos do pae.

(Continúa)

PRINDO E CHORANDO...

Cartas á prima

VI

Adoráda Maria Rosa:

Muita chuva na velha cidade á beira mar encravada; muita trovoadá na casa de S. Bento, mas sem haver um raio que o parta ou um relampago que o illumine.

Tres vezes nove, vinte e sete, noves fora: muito peixe e pouca salsa.

Imagina, Mariquinhas: só a difinição da palavra *canalha* levou duas sessões na camara dos pares!

Calcula tu o que seria se elles fossem impares e se entrasse na discussão o Candido de Figueiredo!

Na camara dos deputados, onde ha mais republicanos do que nunca e onde ha governamentaes como cogumelos, todos sobem a escada, limpam a poeira, entram pelo salão, perguntam pelo João e... brincam todos

cas, infames e dignas de um bom castigo policial, atiram para a rua a armar aos *desreisinhos*, em logar de lhes ensinarem a palmilhar umas meias, a remendar umas ceroulas oude as mandarem para qualquer escola gratuita, encetam assim a sua futura existencia na escola da ociosidade e do vicio.

A mãe hoje exige-lhes que peçam para este ou aquelle santo, amanhã para o pae que é eego, depois para um enterro d'uma irmã ou da propria mãe.

N'este paiz isso equivalia a junta-l'as com perdidos e devassos de toda a especie o que era cem vezes peor. Desejava apenas que se indagasse quem eram as respectivas *mamãs e papás*, afim de os multar na primeira occa-sião e de lhes ferrar um calor teso em casos de reincidencia.

Devia ser um bello rendimento para o estado e uma valvula de descarga para o imposto de consumo.

12 Não te parece, prima?

Ai! mas que loucura! Isto ha de



Palacio do Elyseu em Paris

1, Vista Geral. — 2, Aspecto lateral da entrada.
3, Portico principal

quantos estão, menos os tres do Rey-mão!

Muitas vozes e nenhuma nozes.

Eis o pão nosso da politica de cada dia.

Agora quero enfronhar-te no que vae por essas ruas da capital.

Alem de uns exquisitissimos molhos de broculos que as damas transportam nas cabeças atravancadas de rolos e *chis-chis*, e a que denominam chapcos, talvez por ironia, quando com muito mais propriedade deveriam chamar-lhes fôrmãs de pudim ou trapeira de quinto andar, corta as travessas, viellas e beccos em todas as direcções uma chuva de *devotinhos* do S. Antonio.

Isto define bem o nosso espirito de exploração e patenteia-nos lindamente como a Caridade é a Desgraça, na enormissima maioria dos casos.

Estas crianças, que as mães velha-

E' tudo a entrar sem dispendir grande trabalho.

A creança torna-se em adulto e educada desde o berço n'este principio da pedinchice, continua a obra encetada pelos paes e fomentada pelo altruismo, vendendo-se, prostituindo-se e roubando, quando o negocio rende pouco.

Aqui tens tu, minha adoradã moçoila, como o Santo Antonio, o S. João e o S. Pedro, sendo tres santos de se lhes tirar o chapéu e collocar no altar, dão azo a muitas miserias com que esta desgraçada sociedade se está debatendo.

Ora se a policia, tão preocupada com as suas luvas brancas, descesse a examinar estas *pequeninas* particularidades sociaes, não empregaria o seu tempo com alguma coisa util?

Não venho reclamar a prisão d'estes inconscientes culpados.

continuar a girar com a pachorra ron-ceira do Manoel da Burra e com a philosophia de capote e lenço usada pela nossa tia Leocadia.

Adeus.

Teu primo

LAMPARINA.

Epigramma

Indo a casar-se um gebo,
Que era gago e não podia
Pronunciar bem: Recebo,
Gaguejava e só dizia:
Arre... arre... cebo... cebo...

Alguem suppõe que o dizia
Com intenção. Não percebeo.

JOÃO DE DEUS.

ARTE DE TEATRO

Ao Senhor MARIO LAGE :

Nunca me passou pela mente que a *Mã Sina* desse tão a tantas e tão desconcentradas apreciações, e muito menos pensei ter de vir á estacada por via d'ella.

Disse: pela peça? Errei; pois não é por ella que saio a terreiro, mas pelo seu desempenho.

Emquanto se tratou da critica ao meu trabalho, todas as opiniões ouvi e acatei, desde a do critico de *O Paiz* que, mettendo os pés pelas mãos e vice-versa, tudo torceu propositada ou inconscientemente, nada dizendo, nada concluindo, nada julgando e apenas distribuindo bordoadas de cego até á *Critica ás criticas*, inserta no *Azulejos* e firmada por V. Ex.ª, que me rotula de inconsciente por eu não ter, previamente, feito conferencias, explicando ao publico, e á critica, o que era e quaes os intuitos da *Mã Sina*.

Extrahará, certamente, o sr. Mario Lage, que eu venha fazer reparos ás suas apreciações quanto ao desempenho, e tivesse ficado mudo e quêdo ante as criticas dos demais jornaes, mas, a razão do meu procedimento, em pouco reside e em pouquissimas palavras se registra.

Nada me liga aos outros jornaes; mas, com os *Azulejos*, o caso muda muito de figura, pois fazendo-me os seus proprietarios a honra de me indicar como Secretario de Redacção, (muito embora cousa alguma faça ou haja feito que semelhante titulo mereça) eu tenho, ou melhor, pareço ter, uma tal ou qual responsabilidade no que n'elle se escreve, porque o publico julga, embora erradamente, que toda a gente da casa sabe o que contem o jornal antes d'elle sahir prompto.

Ora eu, não tive conhecimento anticipado da critica do sr. Mario Lage e, ainda que o tivesse, nada poderia fazer então, porque, quem escreve no *Azulejos*, tem sempre a mais ampla liberdade, porem com a condição expressa de assumir toda a responsabilidade.

Quando não bastassem as razões adduzidas para explicar este meu procedimento, outra ha, ainda, e não de pouca monta, a forçar-me a segui-lo, a qual passo a dizer:

Todos sabem—porque não me tenho cansado de o repetir—que foi o sr. Araujo Pereira quem, com o *Novo Altar*, me apresentou em theatro e que a elle me tem ligado relações de amizade. O meu silencio, pois, neste momento, daria logar a que se julgasse que eu approvo os encomios que o sr. Mario Lage lhe tece e que, quasi, o dão como tendo as honras do desempenho na *Mã Sina*, quando, o certo é, que, com elles, discordo franca e abertamente.

No campo artistico—a representar—estabelecer um confronto entre o sr. Eduardo Brazão e o sr. Araujo Pereira é, quanto a mim, praticar um crime de lesa-arte. E' querer igualar um cedro a um canico, a luz morticia de uma cadeia de azeite, á luz intensa e brilhante do Sol. Positivo é que, para o caso, o cedro e a luz solar—são o sr. Brazão. Portanto, tal parallelo, a não considerá-lo como um estulto arrojado, só pôde ser levado á conta de estreita amizade entre os srs. Mario Lage e Araujo Pereira—amizade que o cega a ponto de o levar a escrever coisas que, sem duvida, lhe poderão acarretar o titulo de *critico arrojado*, mas que não evitarão que lhe chamem *parcial, mau, pouco politico*, e outros qualificativos de peor jaez, e, o que é mais para lastimar, vão prejudicar seriamente o sr. Araujo Pereira na sua carreira.

O sr. Brazão é um artista brilhante, que

tem acompanhado a evolução do theatro, e se, na *Mã Sina*, na descripção da morte do *Manageiro*, pelo effeito que tirou de uma transição, quasi no final do monologo, se aproximou—, segundo a opinião d'alguns—da figura do *Manelich*, o protagonista da *Terra Baja*, não é menos verdade que o sr. Brazão, conhecendo do nosso publico os sentimentos e os gostos, o fez vibrar de entusiasmo, arrancando uma prolongada e quente salva de palmas.

Errou? *Errare humanum est*. E, dando de barato, que tivesse errado ali, que vida, que calor, que de coisas soberbas não produziu o sr. Brazão peça em fora?! Com que incomparavel fogo, com que extranho vigor fez as scenas violentas e capiteas do 2.º e 3.º actos esse *marmore artisticado*, como o sr. Mario Lage lhe chama!

Se a *Mã Sina* voltar á scena, em Lisboa, rogo-lhe, sr. Lage, que a torne a ver, porque, estou certo, mudará de opinião.

Quanto ao Sr. Araujo Pereira, vou, em prol da verdade, dizer como o aprecio e como o vi a dentro da *Mã Sina*.

Tem aquelle Senhor, innegaveis qualidades de encenador. Patentou-as na marcação da *Mã Sina*, encobrando deficiencias, salientando effeitos, frisando virtudes, dando relevo a situações, n'uma palavra, fazendo tudo a bem do meu trabalho, com tal amor, que quasi lhe deu foros de um successo theatral.

Assim: elle provou, pela maneira porque fez mover as figuras, pela forma como ellas se attrahiam ou distanciavam, porque formavam os quadros, a existencia da geometria das paixões. Tudo, na peça, decorre harmonico, senão artistico, com sobriedade, com naturalidade, com vida, e, isto só consegue, quem tem o dom especial para encenar.

Como actor, porem, o Sr. Araujo Pereira, muito embora tivesse estudado com igual afincio, com identica, senão maior, boa vontade, o certo é, que não encarnou a figura de *Pedro* de que se incumbiu, muito embora, sei, a tivesse esplendidamente comprehendido. E porque não executou o papel, sendo como é, intelligente e tendo como tem, amor ao theatro? Porque lhe faltam, além da muita pratica, qualidades primordiais para ser um bom actor. Carece de voz, figura, gesto e *mascara*, sobretudo *mascara*. Tem o Sr. Araujo Pereira, extrema difficuldade em articular. A dicção sae-lhe defectuosa e monotona, devido a falar de dentes cerrados; a voz é ingrata e atraçoa-o e, consoante o vigor das scenas, ora lhe sae *da cabeça*, ora do *peito*; não tem mobilidade phisionomica e, por consequencia, não pôde demonstrar que *sabe ouvir*, como pretende o Sr. Mario Lage. Finalmente, não nasceu fadado com essa grande qualidade para representar que o Sr. Brazão tem de sobejo e que se chama: *vis artistica—fogo sagrado*.

O Sr. Araujo tem o estôfo de um ensaiador. Sabe descobrir, nos outros, qualidades e remediar males, mas não se vê e, apesar do seu acrisolado amor, da sua vontade de ferro, nunca, a meu vêr, e pelo que aponte e de que elle não é culpado, poderá attingir, como actor, a culminancia que, como ensaiador, estudando e muito, lhe está reservada.

Dito isto que a verdade e amizade para com o Sr. Araujo, me impunham e que nenhuma, estou certo, lhe disse com esta desassomburada lealdade, quasi escusado se torna affirmar que o desempenho dado á parte de *Pedro* foi fraco e que a descripção, no 2.º acto, do *suicidio* da *Princesa*, não teve o relevo e o brilho que, me parece, poderiam ter, nem o tal *canho de naturalidade* que o Sr. Mario Lage lhe impõe, na sua incensadora critica.

Mais devô declarar ao Sr. Mario Lage, ainda em restabelecimento da verdade, que o que de bom, ou melhor, de aproveitavel viu no trabalho do Sr. Araujo Pereira, no desempenho do seu papel na *Mã Sina*, pertence, de direito, ao Sr. Eduardo Brazão, que muito o encaminhou, com salutareos conselhos, e espontanea boa vontade.

No Sr. Ignacio tambem o critico encon-

trou *pécha*—ainda que pequena, encontrou-lha. Pois eu, Sr. Mario Lage, confesso: por muito que eu idealisasse, como idealisei, uma boa interpretação para a parte de *Antonio*, nunca fui até ao grau de perfeição a que o Sr. Ignacio attingiu. Este artista, mostrou-se *essencialmente moderno, sobremaneira natural*, e tal arte possui, que nas scenas intensissimas que tem com o Sr. Brazão, elle, sendo de pequena estatura, tem o condão de tornar se alto, de avolumar a voz, de dominar, tanto quanto a situação lh'o requer, sem um exaggero, sem um desconcerto.

O Sr. Ignacio Peixoto, para mim, que pouco ou nenhum peso tenho, é dos raros que possuem em alto grau e lavrando com viva energia, o tal *fogo sagrado*.

A' sr.ª D. Palmyra Torres, o sr. Mario Lage limita-se a prestar culto á sua illustração e, n'uma leve passagem, a notar que não foi feliz na interpretação de a *Maria*, sem contudo baseiar o seu modo de vêr.

Para um critico, declaro, acho pouco e aproveito a oportunidade para dizer, sobre o trabalho d'esta senhora, umas cousas que de ha muito andam a bulir commigo e me abafam.

Alguns criticos notaram que a sr.ª D. Palmyra Torres deu pouca vida, foi pouco energica e fina em demasia. N'esse ponto, esta senhora seguiu á risca a descripção da figura por mim feita: *loura*—(que é o typo, no geral, no nosso meio, das mulheres submissas) *sonhadora, incapaz de revoltar-se e de um temperamento e sentimentos extremamente delicados*.

A alcunha de *Princesa* devia casar-se acertadamente com a sua exterioração, porque, n'isso de alcunhar, a gente do campo é felicissima.

Alem d'isso, sendo a *Maria*, como lá se diz na *Mã Sina*, uma engeitada, quem poderá affirmar ou negar a sua filiação n'uma casta elevada?

Depois, note-se, ha inda uma observação colhida por mim no campo, ao estudar a *Mã Sina*, que vem em defezo do trabalho da sr.ª D. Palmyra Torres. Entre as mulheres empregadas nos trabalhos ruraes, aparte as ladinas, as divertidas—(*adevertidas*, como por lá lhes chamam), as mulheres que mais fallam e as que mais cantam, são as que menos consciencia teem da sua inferioridade, da sua condição de escravas. Ora na *Mã Sina* lá se diz, pela bocca do *Manoel* (sr. Brazão) *pouco fallava e cantava inda menos*.

Em conclusão: se a sr.ª D. Palmyra Torres errou, reinvidico para mim esse erro, pois não desejo que essa illustre senhora tenha honras que, de direito, lhe não pertencem.

Ao sr. Joaquim Costa disseram que tinha cantado o papel; fel-o e muito bem, porque, no Ribatejo, como aliás em todos os povos ribeirinhos, á fallia é pronunciadamente cantada.

Os demais interpretes, senhores Francisco Mendonça e Antonio Costa, felizmente, foram poupados, decerto pela pequenez dos papéis.

Feito, agora, o que a minha consciencia dictava e o dever me impunha, só me resta dizer ao sr. Mario Lage que foi a doença que retardou estas minhas considerações e preveni-lo de que, com ellas, dou por liquidado o assumpto: *Mã Sina* que já deve enfastiar os leitores do *Azulejos*.

Quanto á sr.ª D. Palmyra Torres e aos srs. Brazão, Ignacio e Joaquim Costa, sempre que eu escreva qualquer cousa que mereça ver a luz da ribalta, e queiram dar-me a honra de a interpretar, será para mim motivo de grande jubilo, pois apraz-me ter *tão maus collaboradores*. Quanto ao sr. Araujo Pereira, tambem o desejo mas como encenador. Restabelecida a verdade sou, sr. Mario Lage,

De V. etc.

BENTO MANTUA.

Revista de Cupido — 1 acto de André Brun, com musica original e coordenada por Alfredo Mantua, Wenceslau Pinto e Filipe Silva. Paraiço de Lisboa.

Ainda não pudemos referir-nos á abertura do Paraiço de Lisboa, actualmente explorado pelo empresario D. José Saragga; vamos fazel-o hoje, aproveitando o pouco espaço de que este numero dispõe.

A companhia de *Folies Bergères* que se apresenta no primeiro dos dois espectaculos de cada noite, tem numeros interessantes, variados e de merecimento nada inferior aos que temos visto nos nossos Colyseus.

Especialisaremos o dos contorsionistas, o grupo dos seis pequenitos e ainda o grupo de pantomima.

No 2.º espectáculo representa-se a *Revista de Cupido*, que tem graça, por vezes algo fresquinha, bom verso e grande aparato feminino, sendo o desempenho muito rasoavel e acertado na maior parte.

Agradou-nos, tanto mais que não pode exigir-se peça de grande folego e pretensões para semelhante genero de espectaculos.

Pena é que as pessimas condições acusticas do recinto façam perder a maior parte dos ditos.

A musica é no geral monotona, mal cantada e perdendo muito pela instrumentação muito fraca nas partes cantantes e demasiadamente carregada em acompanhamentos.

Julgamos ser esta a impressão colhida por aquelles que, como nós, nada percebem de notas musicas, mas tem dois ouvidos denunciadores do bom e mau.

O scenario é de effeito e bem pintado, assim como os figurinos e guarda-roupa de Castello Branco, que é bem executado, vistoso, variado e luxuoso.

Após isto resta nos desfiar a encenação, que é simplesmente pessima. Se a peça não obteve um maior successo deve-o muito especialmente ao sr. Pedro Cabral que, está muito longe de ter descoberto um Brazil na maneira como metteu em scena a *Revista de Cupido*.

Qualquer amador dramatico teria feito coisa muito mais aproveitavel e melhor, se quizesse lembrar-se que n'este genero de espectaculos, se exige uma *mise en scene* de apparato, vista e grande movimentação.

Não sabemos porque o ensaiador teve a creença de ferrar com as personagens quasi todas para a esquerda scenica, com grave prejuizo de muitas d'ellas e dos espectadores da direita.

O Cupido no segundo quadro, está quasi sempre a um.

S. Ex.^a é canhoto?

Os movimentos de cores e figurantes são tambem d'uma variedade extraordinaria, cifrando-se no seguinte: avançar, recuar, recuar, avançar e, fóra d'isto, figuras em semicirculo, firmes como um sargento.

Como a marcação e *mise en scene* do Pae Adão eram d'esta força, lembrou-se o sr. Pedro Cabral do que o Adão daria ao diabo a cardada se no *Paraiço* apparecesse coisa de mais geito por causa do Cupido.

Pois isto é uma partida que o Cupido lhe não merecia, sr. Cabral.

Terminamos por felicitar a empresa pela orientação que deu aos seus espectaculos, tornando-os mais accessiveis, com frequentes estreias, caprichando em apresentar uma companhia muito rasoavel, vasta e dispendiosa.

EMAÚZ.

DEFINIÇÕES

Espelho: — Quadro apresentando um urso.

Leño d'assoar: — Estrumeira portatil.

Excitação: — Desculpa de muita bebedeira.

O MEU TINTEIRO

Ao sr. Lamparina.

Eu tenho no meu quarto sobre a meza
Onde escrevo estes versos sem valor,
Uma caveira que não mette horror,
E de quem conto a historia sem tristeza!

Pertenceu á mais linda portugueza
Quando a cobria a carne com rigor,
E o seu olhar altivo e vencedor
Lançava os corações na incerteza!

Formosa entre as formosas, na verdade,
Mataram-se por ella namorados,
Na flor da tão risonha mocidade!...

Eu fui o seu amante derradeiro,
E hoje após dez annos já passados,
Fiz da sua caveira o meu tinteiro!...

MANOEL CHAGAS.

FEITICEIRO DAS TREVAS

Consultente: — *Enrique d'A. D. L.*

O sr. ainda é maior magico do que eu! Tem-na ferrada na miolreira e nada lh'a tira de lá! Quer subir, trepar, pular, chegar ao fastigio das honras, das riquezas, da gloria e do poder.. Ambiciona sorvêr a longos tragos o prazêr e a felicidade por essa velha taça d'ouro cinzelada, resplandecente de pedrarias raras e preciosas, que *Dame Fortune* lhe mostra de longe e lhe oferece com gesto meigo e tentadôr. Aceia por libir o saboroso filtro que já lhe esculda as veias antes de bebido; entonteece-o antecipadamente a deliciosa embriaguez onde se afundam os sentidos num bem estar inefavel e, para se apoderar do apeteçido nectar, pensa lançar se para a frente, no turbilhão da vida, sem olhar para os lados nem para baixo. Precipicios, transpõem-se dum salto; escalam se as mais altas muralhas, espesinham-se seáras loiras e maduras, ferem-se peitos, derubam-se montanhas, amarfanham se virtudes, amordaçam-se consciencias, rasgam-se almas; caminha-se, corre-se, sempre e sempre, sem sentir os pés rasgados pelos seixos das estradas nem a consciencia ferida pelas navalhadas do Remorso; é necessario chegar: Ella está alem, alem, envolta nas suas ropagens de purpura e oiro; scintila-lhe na dextra uma corôa imperial, péssalhe na sinistra um tesouro amontoado por cem gerações d'arquitmilionarios. Que te detem?

Ambicioso, vamos, mais um esforço... basta estendêr o braço...

Mas eis que a *Fortuna*, num movimento da sua rôda, mais veloz que o raio, mais rapida que o pensamento, se afasta do caminheiro ofegante que, renovando o esforço, haurindo forças do proprio desespero, vae galopando d'espôra fita no ventre do cavallo negro que o demonio da ambição lhe oferece.

— Pára!... pára! — grita o demen-

tado á caprichosa Deusa, e nas quebradas das serras os ecos repetem tristemente, como que dirigindo-se áquelle que os acordou: — Pára!... pára! Mas nada o detem; a roda magica afrouxa o vertiginoso andar; êle, apressa o da sua montada... upa... upa...

A *Fortuna* pára. O homem louco desce do cavallo como a lava pela vertente dum vulcão; lança-se sobre a Deusa como uma onda ciclopica tocada pelo furor de cem borrascas; agarra-a, abraça-a, subjuga-a, domina-a; os olhos chispam-lhe fôgo, a bôca escuma-lhe sangue; quer apoderar-se da corôa, dos tesouros.....

Horrôr!... Rasgou-se a tunica purpurea... a formosa Deusa desfez-se em fumo como um fantasma ao esfuziar da *Aurora* por entre as brumas da noite e em seu logar ficou agora um esqueleto, eburneo, sêco, fatidico, triste... E' a *Morte*! a porteira fatal que, no lim'ar da Eternidade, abre um postigo ao grande da Terra, dizendo-lhe: «abaixa-te e vae» e aponta um arco triumphal ao humilde do Mundo, gritando lhe: «Ergue-te e passa!»

Se, depois do que acabo de dizêr-lhe, o sr. seguir o mau caminho... *batatas!*... como se diz lá na sua terra.

G. C.

Veja-se nas capas a senha de consulta e demais requisitos.

Pensamentos

Bebe-se vinho com agua, depois sem agua, por fim como agua.

Quem em novo não trabalha sendo velho dorme em palha.

Semana Alegre

Entre estudantes:

O distincto — Que barulho ha n'esta rua, meu amigo! Não pode aqui viver um bom estudante!

Cabula — E' ao contrario da minha. Aquillo é um deserto! E' tanto o silencio, que só me appeteece fazer barulho. Não abro o livro.

VARIEDADES

Pudim de Coimbra — Ponham-se em ponto de pasta 500 grammas d'assucar; batam-se 16 gemmas d'ovos com 25 grammas de manteiga; em o assucar arrefecendo vão-se deitando os ovos e batendo sempre; unte-se uma forma com manteiga deite-se-lhe o pudim e leva-se ao forno.

POSTA RESTANTE

A. G. Botelho — O jury achou-o muito fraquinho. Emprega bastas e escusadas vezes o pronome pessoal da terceira pessoa. O ultimo serve.

A. M. e Jotta — Não sabemos. As cartas estão em poder de G. Clement. Tem vindo innumeradas. As resposta actuaes são de ha dois mezes

QUAL É A COISA,

QUAL É ELLA?

O GRANDE CONCURSO

DA 3.ª SERIE

Cinco premios

- 1.º — Um relógio d'ouro (Zenith).
- 2.º — Uma palmatoria de prata.
- 3.º — Uma biscoiteira.
- 4.º — Uma collecção do «Azulejos» encadernada em percallina.
- 5.º — Uma assignatura gratis para a 4.ª serie.

Condições do Concurso

1.º — Decifrar, durante os 15 numeros da 3.ª Serie, maior numero d'artigos, alem de 150.
2.º Para que os nossos leitores possam concorrer em grande maioria resolvemos modificar a 2.ª condição do concurso, aumentando-lhe o prazo, assim:

Poderão enviar-nos as decifrações durante um intervalo de 15 dias, a contar da data da sua publicação.

A lista dos decifradores e as soluções dos artigos publicados são dadas de 4 em 4 numeros.

As decifrações devem ser enviadas pelo correio cintando a pagina do semanario e pondo-lhe uma estampilha de 5 réis.

Temos em nosso poder uma reelaboração d'um dos nossos estimaveis decifradores, que usa o pseudonymo *Cabeça d'Agua* e que nos apressámos em env'ar ao director d'esta secção.

Não temos, porem, resposta alguma por enquanto o que se explica pelo precario estado de saude do nosso presado collega.

No proximo numero publicaremos o que houver do assumpto.

Logogripho

Baixo
1, 2, 3, 4, 5, 6

Parte da addição

Ali
7, 8

LITRAS

Charadas

Augmentativa

As mulheres usam esta planta medicinal 2

PUMPUM

Electrica

A's direitas ou ás avessas é terra americana-2.

FEIJÃO FRADE

Triplice

Flor, planta e planeta-2.

OJUARA

Truncadas

Ha uma coisa na taberna a que tenho antipathia-2.

JORGE MARTINHO CLARO

A palmeira da Guyana parece-se com esta planta-2.

DIVINO

Reduzida

Roedor-2
— ca —
Condeça-3

TIMIDO

Enygmas

TEIRO

REI DOS DOIDOS

Por iniciais

ALCACNASD

1 3 2 1 3 1 4 2 4

SADO

MVNMA MEC

3 2 1 2 1 1 1 3

TIRA MITRAS & C.ª

ACEOUEQNLNE

1 5 1 1 3 3 1 1 4 1 3

GERTRUDES

MFODOP

2 3 1 2 1 4

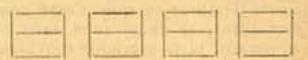
PINGOLINHAS

De palitos



Tirando 6 palitos fica uma planta.

ALPHA



Tirando 8 palitos é negro.

A. P.



Tirando 11 palitos é uma dança.

A. R.



Tirando 8 palitos faz-se nos campos.

J. F.

Artigos a decifrar 16.